

## **Desejo de Cidade e Disputas Visuais: um estudo sobre a comunicação nos Marcos Zero de Fortaleza e Recife<sup>1</sup>**

Virna ALVES<sup>2</sup>

Alessandra ARAÚJO<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### **RESUMO:**

O presente artigo trata de como a força do desejo de cidade influencia e contribui na disputa visual dentro de um marco zero, tendo como foco as capitais do Ceará e do Pernambuco. A intenção é compreender como essas intervenções visuais se deslocam junto com o vórtice de acontecimentos da urbe, além de discutir como a força do espelho mídia ilumina e obscurece algumas áreas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do respectivo trabalho foi a documentação fotográfica nos marcos zero de Fortaleza e Recife, o *perder-se urbano* de Massimo Canevacci e a análise bibliográfica, que tem em sua base autores como Néstor García Canclini, Eduardo Duarte e Didi-Huberman.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marco Zero; Desejo de Cidade; Espelho Mídia; Disputas Visuais.

### **1. INTRODUÇÃO**

O objetivo desse trabalho é apresentar a coreografia difusiva do desejo de cidade, influenciada pelo espelho mídia e modificada pelas manifestações que ecoam um grito de existência nas disputas visuais dos marcos zero das cidades de Fortaleza e Recife, além de buscar compreender como a comunicação interfere nesse desejo. Para isso, é necessário entender as forças responsáveis por deslocar o desejo entre a malha cidadina. Será um estudo imerso e interferido pelo olhar estrangeiro, revelando sobre Recife o ponto de vista do turista, a partir da compreensão de Canevacci (1997), um ponto de vista de primeira vez que trará nova conceituação sobre o marco zero da cidade natal, Fortaleza.

Dessa forma, foi realizada uma documentação fotográfica do Recife Antigo e da Barra do Ceará, bairros que abrigam os monumentos do marco zero da capital cearense e pernambucana, afim de mostrar a disputa visual exercida relacionando-a com o deslocamento do desejo de cidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: virnamariabenevides@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: alessandraoliveira@unifor.br

Para compreender mais profundamente esse fenômeno, irei tratar apenas do surgimento e do estado contemporâneo dos marcos zero citados, focando o olhar de pesquisador que se permitiu perder-se em viagem a Recife, essa, maior motivação para a elaboração desse artigo, tendo em vista que a viagem despreziosa despertou curiosidade acerca do ponto inicial de construção dessa região. Esse trabalho recebe memórias resignificadas dos conceitos estudados no grupo de pesquisa JUCOM – Jornadas Urbanas e Comunicacionais, além de se tratar da continuação de um estudo que busca interpretar e mapear os caminhos da memória de Fortaleza. Também levaremos em consideração a revisão bibliográfica de autores como Duarte (2006), Canclini (2008), Didi-Huberman (2011), Canevacci (1997) e alguns outros.

Assim, o presente trabalho faz uma explanação sobre os marcos zero de Fortaleza e Recife, aborda a influência desses pontos iniciais no desenrolar do tapete urbano e faz uma análise da disputa visual entre publicidade, grafite e o monumento do marco zero, com o objetivo de perceber como o deslocamento do desejo interfere na disputa visual dos espaços.

## **2. MARCOS ZERO DE RECIFE E FORTALEZA**

Um dos marcos zero mais conhecidos do Brasil fica na Praça Rio Branco da capital de Pernambuco e seu principal monumento é formado por quartzo e granito e é uma produção do artista plástico pernambucano Cícero Dias, um dos pioneiros do Modernismo no Brasil, que se inspirou em sua obra “Eu vi o mundo... Ele começava no Recife”.

Recife, como cidade portenha, nasceu às margens do Rio Capiberibe, rodeada pelos recifes que presentearam a cidade com seu nome e que aportavam os navios carregados de Pau Brasil e açúcar para a Europa do século XVI.

Anteriormente, a capital era comandada por portugueses que foram expulsos pelos holandeses regidos por Maurício de Nassau. Os novos colonizadores abriram quinze ruas e construíram trezentos prédios, todos regidos pela bússola representada no centro da Praça do Marco Zero de onde são feitas todas as medidas oficiais de distâncias rodoviárias locais. Entre esses prédios, muitos se transformaram em patrimônio público do Recife. Entre eles existe a sinagoga mais antiga do continente, construída por judeus fugidos da perseguição da Europa, que desenvolveram a primeira comunidade judaica das Américas, grupo que mais tarde expulsaria os holandeses do território recifense.

Devido à atividade do Porto do Recife, a capital desenvolveu-se principalmente ao redor daquela área nos séculos seguintes, trazendo ao bairro do marco zero a

implantação de bancos, empresas de exportação, entidades e, o mais importante, o interesse dos transeuntes que tinham aquele espaço como local de experiência e referência na cidade.

Já em Fortaleza, o marco zero não tem tanta representatividade e, apesar de seus 290 anos recém completados, na verdade a cidade tem espaço na cartografia mundial desde o século XVII. Segundo Graciano Ramos, jornalista do portal “Portugal Sem Passaporte<sup>4</sup>” do grupo O Povo de Comunicação, o português, Pero Coelho chegou a Fortaleza pelas margens do Rio Ceará, na Barra do Ceará e colonizou o território construindo o Fortim de Santiago. No entanto, o grupo português termina por deixar o território devido à forte seca e aos intensos ataques indígenas.

Porém, a ambição em reconquistar o Maranhão traz de volta os portugueses às terras alencarinhas<sup>5</sup>. Dessa vez, o Capitão-mor é Martins Soares Moreno, que traz consigo a Raça Negra (mulheres negras e mamelucas) ao povoamento da Barra do Ceará. Segundo o historiador Aduino Leitão, elas chegaram sem correntes "para fins de casamento" e constituíram o que hoje é a multirracialidade no estado do Ceará.

Em 1612, Soares Moreno reconstrói e amplia o antigo Fortim de Santiago, renomeando-o para Forte São Sebastião, homenageando a cidade natal de Pero Coelho. A construção também foi reconhecida pelos holandeses na obra de Frans Post, "A Fortaleza de Soares Moreno". Apesar de tudo, o Capitão não fica muito tempo na cidade, partindo em seguida para a expedição contra franceses no Maranhão. Com a constante troca de poder no Forte que se localizava na Barra do Ceará, a construção que já estava em ruínas, propiciou o ataque de índios que tomaram o local.

Os surgimentos dos marcos zero de Fortaleza e Recife são de extrema relevância para a memória total da cidade, segundo Eduardo Duarte (2006). O autor afirma que a escolha do local do marco zero acende valores que irão acompanhar a cidade por todas as suas possíveis ramificações e que mesmo com a probabilidade desse ponto inicial ser esquecido, o espaço onde se afinçou aponta um tipo de marca territorial muito forte, que transitará entre as vias que a cidade irá percorrer.

Essa seleção do espaço do marco zero de uma cidade leva em consideração elementos que julgam o ecossistema natural, a economia, as circunstâncias geográficas e políticas dessa região, concentrando ali uma série de importantes acontecimentos que irão possibilitar o funcionamento da cidade. O que altera o local desse vórtice de acontecimentos é o fluxo do desejo de cidade, conceito de Duarte (2006) que explica que o

<sup>4</sup> Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/author/gracianocoutinho/>>. Acesso em: maio, 2016.

<sup>5</sup> Expressão usada por tratar-se da terra natal do escritor José de Alencar.

deslocamento do desejo é capaz de transformar as formas de sociabilidade, alterando não só centros econômicos, mas também políticos e sociais. Trata-se de um desejo coletivo e espontâneo dos cidadãos, influenciado principalmente pelo espelho mídia, que trata-se dos canais de comunicação, e esse é tão forte que é capaz de alterar toda a malha de edificações da capital, transformando locais antes extremamente habitados e frequentados, em espaços fantasmagóricos da urbe.

O espelho mídia é o motivo dessa movimentação constante na fabricação de novos referenciais, que por sua vez se tornam novas fontes de vontades e levam a massa humana a movimentar-se em consonância com essa coreografia difusiva do desejo, que é abundantemente mais movente em grandes metrópoles que possuem um número maior de dispositivos de comunicação capazes de transmitir essas imagens referenciais.

Como visto, é facilmente perceptível a relevância dos marcos zero de Fortaleza e Recife para o desenrolar do tapete urbano nas capitais, no entanto o desejo de cidade foi, deixou de ser e pode voltar outra vez para esses arredores dos marcos, visto que são fluidos e porosos, são inconstantes. Em Recife, por exemplo, temos um cenário de revitalização, com incentivo cultural de reabitação do local, diferentemente de Fortaleza, onde seu marco zero além de pouco conhecido, é bastante marginalizado pelos cidadãos.

### **3. DESEJO DE CIDADE E INFLUÊNCIA DO ESPELHO MÍDIA**

Eduardo Duarte (2006), explica que o desejo de cidade é fortemente influenciado pelo espelho mídia e que juntas, essas duas forças são capazes de transformar intensamente os caminhos e destinos de uma metrópole. Para o autor, o desejo de cidade advém do desejo de espécie que significa o desejo de sobreviver, a pulsão de vida e essa é capaz de levar coletivos humanos e animais a criação de algo novo em prol da continuação de suas existências.

O desenvolvimento dessa capacidade significa ao homem o desenvolvimento da consciência, o aprimoramento de suas habilidades para melhor existir e a elaboração de técnicas que culminaram na tecnologia. Foi daí então, que, segundo o autor, surgiu o desejo de ser cidade. Mas a verdade é que não se trata de um feito inédito, animais como abelhas, formigas e cupins já vivem de tal forma, dividindo e concretizando tarefas dentro de um grupo. O que há de original no caminho tomado pelos homens é a separação entre cidade e ecossistema natural, criou-se um cenário de ruptura.

Duarte (2006) cita Sloterdijk quando cria um paralelo entre a cidade e a condição uterina, diz que o autor acredita que os adventos tecnológicos que existem na urbe ajudam a repor a falta que faz o útero nessa intermediação com o a natureza e o universo em geral.

Foi natural da condição humana criar formas de intermediação com a natureza, desde sua prolongada estadia uterina. Há um gradativo processo de continuação da fase placentária no aprendizado do mundo técnico de um ser humano quando nasce. Sloterdijk acredita que o homem cria bolhas de interface entre ele e a natureza como forma de complementar essa distância, que vem de longo tempo de gestação. (DUARTE, 2006, p.101)

Entende-se, então, que os homens criaram um ecossistema próprio que consiste na cultura humana, e essa existe num habitat singular, a cidade. A urbe funciona na continuação dessa interface homem-mundo e, de acordo com a complexidade da cultura de seus habitantes, segue criando gradativamente mais “dispositivos bolha” capazes de alargar essa distância que os separam da natureza. Essa complexificação da cultura cria temporalidades distintas entre cidade e meio natural, causando em nós a sensação de tempo vagaroso quando estamos no verde e de tempo acelerado quando estamos no concreto.

Essa aceleração do tempo e do espaço quando estamos no concreto é comentada por Scott McQuire (2008) quando analisando a aniquilação desses dois fatores, percebe que não poderemos mais estar somente em um lugar por vez. Por meio dos aparatos tecnológicos desenvolvidos por essa tecnocultura, somos capazes de conduzir veículos ao mesmo tempo que resolvemos pendências do trabalho, e de estar presente de maneira virtual em ocasiões que não podemos presenciar fisicamente.

Se as fantasias de domínio e transcendência constituem a premissa geral do desenvolvimento tecnológico moderno, elas encontraram um terreno particularmente fértil no campo da mídia e comunicação. Por serem capazes de reconfigurar os parâmetros espaço-temporais da percepção e da experiência, permitindo-nos ver, ouvir e até mesmo agir à distância. (MCQUIRE, 2008, p. 200)

Para o autor, a tecnologia tenta sempre alcançar os patamares já conhecidos da nossa imaginação, que sempre se atencipa sofrendo influxo da publicidade e do espelho mídia, acontecendo uma aceleração do tempo no espaço da cidade devido à possibilidade de simultaneidade na realização de tarefas.

Voltando à análise de Duarte (2006), o primeiro desejo de cidade da maioria das grandes metrópoles que existem hoje, localiza-se em torno de seu marco zero, em seu ponto

inicial, no lugar onde seus colonizadores por influências econômicas, climáticas ou ecossistêmicas escolheram ficar e essa escolha acompanhará a cidade em sua memória total.

No entanto, o desejo de cidade se desloca e leva consigo a força dos acontecimentos da urbe, grandes centros tornam-se despovoados, locais inexplorados tornam-se populares e até espaços abandonados voltam a possuir visitantes. Seguimos o fluxo e queremos estar no vórtice, se por algum motivo esse fluxo fica interrompido devido algum limite, é dever da cultura complexa que desenvolvemos transpor essa barreira através de seus aparatos tecnológicos, para que se torne possível expandir o desejo de cidade.

Dessa forma, é interessante que pensemos o conceito de “centro” aqui abordado, tratando-se esse de espaços que detém de forma fluida o vórtice de acontecimentos sociais, econômicos, políticos e financeiros de uma cidade, retendo inclusive os investimentos emocionais de uma população. Toda essa força concentrada é capaz de mudar a malha de edificações de um espaço, expandindo, urbanizando e acessibilizando esse local.

A cada nova parte da metrópole que temporariamente ou definitivamente tenha se tornado centro por força do desejo de cidade, temos uma nova temporalidade que será disseminada pelo tapete urbano, constituindo a memória de Fortaleza, Recife ou muitas outras, ramificando-se e criando diversas cavernas temporais que abrigam memória cidadina.

Essas múltiplas temporalidades integradas na mesma cidade podem se multiplicar ainda mais quando atravessarem as numerosas possibilidades da comunicação. Os portais abertos por esses meios irão constituir imagens sobre a cidade, que influenciarão em novas imagens de cidades por todo o mundo, agindo como um ciclo eterno. Essas imagens são sentidos formadores de opinião na urbe e não apenas ilustrações, tratam-se de uma condesação de pequenas partes de verdade midiática que construirão impressões e conceitos sobre determinadas cidades, alterando assim o foco e o caminho dos desejos de seus habitantes.

Como essas imagens são refletidas pelo espelho mídia, revérbero dos canais de comunicação, acontecem simultaneamente em múltiplas plataformas (rádio, televisão, *outdoor* e internet), com um fluxo acelerado que acompanha o movimento da informação, seguem as tendências do dia, da temporada, do contemporâneo e tornam-se imagens de referência.

A grande questão do espelho mídia é que ele reflete em maior número de vezes o que é mais rentável, causando a impressão de verdade por meio da repetição, porém a realidade refletida no grande espelho mídia da metrópole, é uma realidade possível, um recorte da imensa série de acontecimentos, uma verdade fragmentada e não absoluta, existente em uma dimensão transitiva do desejo de quem se expressa e se torna visível.

Com o alastramento dessas imagens pelo mundo através das telas de comunicação, os desejos de cidade se cruzam, se atravessam e influenciam uns aos outros, deixando as fronteiras mais porosas e invisíveis, levando acontecimentos globais refletirem nos locais, ou pequenos personagens de um bairro virem a tornarem-se grandes heróis de uma cidade. É o que fala Stuart Hall (1997) em seu conceito de comunidades imaginadas.

O autor reconhece que a grande fonte de nossa identidade cultural pertence à nossa cultura nacional, e que essa significa um valor simbólico de extrema importância para a população, pois a condição de ser humano, apesar de identificá-lo como independente, exige uma pertença a um grupo maior, uma cidade, uma região ou nação. No entanto, elas não indicam nada além de um valor simbólico que não nascemos com ele, mas que adquirimos percebendo a representação do grupo que pertencemos.

Para que esse valor crie no indivíduo um sentimento de pertença, é necessário que exista um mito fundador, uma história que conte como tudo teve início e que desenvolva tradições a partir dela, repassando essa história entre as gerações para engrandecer a sensação de orgulho. É assim que funciona os marcos zero ao redor do mundo, criam um sentimento orgulhoso nos habitantes, ainda que nenhum deles possa afirmar com certeza ocular o que realmente ocorreu naquele espaço.

Incluindo Fortaleza e Recife sob esse viés de pensamento, podemos perceber como a origem duvidosa da capital cearense, que não reconhece seu marco zero da Barra do Ceará como oficial, desdobrou sobre a cidade e seus habitantes um movimento de afastamento e marginalização deu seu ponto de origem, deixando para o local um sentimento clandestino e perigoso que culmina no abandono da região. Para Recife, a comunicação publicitária da história de seu marco zero emitida pelo espelho mídia, reincorporou o local no percurso dos turistas, tornando-o novamente um dos centros de acontecimentos da capital.

Essas aparições no espelho mídia, ao passo que mostram e iluminam determinados “fatos”, obscurecem e escondem outros, fazendo com que determinadas pautas circulem apenas de forma marginal, reforçando os conceitos estereotipados de

determinados locais, como por exemplo o conceito de que Fortaleza resume-se à uma cidade extremamente violenta dentro de um cenário paradisíaco com muita praia e sol, ou que Recife é uma capital rigorosamente carnavalesca e amante do ritmo do frevo. Obviamente, Fortaleza e Recife não sintetizam-se apenas nas características citadas, ou talvez nem sejam predominantemente o que se diz delas, mas o espelho mídia permite apenas que algumas das verdades sejam visíveis.

Sobre a visibilidade e invisibilidade na metrópole, Didi-Huberman (2011) afirma a existência de um pequeno grupo em movimento errante, chamando-o de vagalumes, e a existência de um grupo maior e mais visível que caminha em um movimento contínuo uniforme, a sociedade, e essa segregação seria a essência da marginalização de imagens menos rentáveis no espelho mídia. Didi-Huberman (2011, p. 58) chega a questionar um possível desaparecimento desses vagalumes, perguntando se “teriam as criaturas humanas de nossas sociedades contemporâneas, como os vaga-lumes, sido vencidas, aniquiladas, alfinetadas, ou dessecadas sob a luz artificial dos projetores?”.

O autor responde sua pergunta ainda no mesmo capítulo, concluindo que não foram os vagalumes que desapareceram ou extinguíram-se, o que aconteceu foi uma alteração no desejo de exergá-los, deixamos de persegui-los e perdemos a capacidade de perceber os pormenores desses seres.

Figura 1 – Praia da Barra do Ceará, março 2016



Fonte: Imagem produzida durante a pesquisa de campo

A Barra do Ceará, bairro do marco zero de Fortaleza, pela visão de Didi-Huberman (2011), é um vagalume ofuscado. Dona de uma das paisagens consideradas mais

incríveis da cidade, segundo enquete realizada por jornal cearense<sup>6</sup>, como é possível ver na figura 1 da página anterior, com uma visão panorâmica do mar e da ponte que liga Fortaleza a Caucaia, a Barra é fortemente esmagada pelas constatações do espelho mídia que vem afastando as pessoas da região, acusando o espaço como um dos mais violentos da capital.

A atuação do espelho mídia tem tanta influência sobre o desejo de cidade, que percebemos na Barra do Ceará uma década anterior a que vivemos, sem altas construções, sem condomínios e a predominância de casas baixas, possibilitando assim a visão 360° da paisagem.

#### **4. DISPUTA VISUAL EM FORTALEZA E RECIFE**

Da construção dos marcos zero de Fortaleza e Recife até o período contemporâneo, percebemos a ação do desejo deslocado agindo fisicamente sobre as ruas, os prédios e os monumentos. No caso de Fortaleza, o bairro da Barra do Ceará, que apresenta todos os dias o encontro do mar com o rio Ceará, é fortemente posto às margens pela população, população essa que sofre intensa interferência dos fragmentos de verdades emitidas pelo espelho mídia.

Segundo dados do IBGE<sup>7</sup>, o bairro da Barra do Ceará tem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) categorizado como “muito baixo”, é percebido pelos habitantes e turistas como área de risco, local de assaltos e ponto de venda de drogas, não deixando que suas belezas naturais, suas atrações gastronômicas, ou seus projetos sociais tornem-se centro de sua definição por meio do espelho mídia, que insiste em focar os aspectos negativos da região.

O que termina por ocorrer pode ser entendido como um processo repetitivo de escassez de iluminação emitida pelos meios de comunicação de massa, que por mais que noticiem verdades, ocorrências reais, acabam por hiperdimensionar apenas uma versão do local, que passa a ser vista como a única versão. Esse processo leva o desejo de cidade para outros espaços e com ele o capital financeiro, o interesse dos órgãos públicos e a disputa visual.

No caso do Recife Antigo, o bairro da capital pernambucana que possui o marco zero, a iluminação voltou a direcionar seus projetores para o centro histórico, trazendo nova vida e novas formas de habitação desse espaço, revitalizando os prédios,

---

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.oestadoce.com.br/opinioao/historia-da-melhor-praca>>. Acesso em: maio, 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/sde/indice-de-desenvolvimento-humano-por-bairro-idh>>. Acesso em: maio, 2016.

reconstruindo ruas e angariando novas formas de entretenimento que transformam outra vez a relação do recifense com o seu marco zero.

Trata-se de um centro de encontros, com opções de casas de show e alternativas variadas de gastronomia que contemplam e fazem valorizar a cultura pernambucana que começou nesse local e, atualmente, se perpetua no convívio e cria experiências com os transeuntes, sobretudo com os turistas. Essa definição de Recife advém de um olhar citado por Massimo Canevacci (1997), um olhar que é estrangeiro, desenraizado, um olhar de estranhamento derramado sobre essa pesquisa que permite o perder-se na cidade, que permite assumir novas formas de conhecimento sobre o espaço urbano por meio de uma trajetória imprevisível e despretensiosa de observar a cidade. No entanto, obviamente, o olhar de um morador da Recife terá diferentes percepções e tomará diferentes caminhos para a definição do local.

Esse retorno do vórtice para Recife Antigo é consequência de um movimento do desejo de cidade que se volta novamente para seu local de primeira origem, pois como explana Duarte (2006, p. 103) “Pode vir a ser esquecido da convivência de gerações séculos depois de sua extensão para ambientes distintos do marco zero, mas o local que aportou finca um outro tipo de pedra angular numa cidade.”

Figura 2 – Marco Zero Fortaleza, março 2016



Fonte: Imagem produzida durante a pesquisa de campo

Com as forças exercidas pelo espelho mídia, não há como negar que os desejos se movimentaram, também movendo de forma conjunta as forças dos acontecimentos e das disputas visuais nos centros. Longe dos holofotes e muito próxima do esquecimento, a Barra do Ceará não possui grande número de cartazes publicitários, pela praça de Santiago não pude perceber grafites e as pichações são muito escassas, feitas principalmente no

monumento do marco zero indicando grupos clandestinos, como apresentado na figura 2 da página anterior.

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que o local é frequentado principalmente por moradores que transitam a pé e por pescadores que ficam sentados nas pedras às margens do encontro do rio com o mar, porém, ainda assim, percebe-se certo abandono observando placas de sinalização oxidadas e ciclofaixa da região degradada. As barracas de praia não são lotadas, apesar da aparente limpeza da praia, criando um forte contraste com a Praia do Futuro, ponto turístico de Fortaleza, que está diariamente lotado, mesmo depois de seu recente atestado, divulgado pela prefeitura da capital, de “imprópria para banho”<sup>8</sup>.

Sabendo desses pormenores do local que abriga o marco zero de Fortaleza, foi criado um questionamento de investigação de pesquisa que salienta os porquês que levam os pichadores a mirarem suas tintas ao monumento da Barra do Ceará.

Néstor Garcia Canclini (2008) afirma que os monumentos são representações, imagens dos vencedores locais que pretendem se perpetuar através de estátuas, bustos e placas que se conservam através dos anos e que são revitalizados à medida que acontece renovação na urbe. Passaram a ser pedaço de chão do local e buscam representar a cultura popular enaltecendo seus heróis e suas conquistas.

O grande problema, para o autor, é que na verdade esses monumentos não representam a sociedade popular, trata-se de uma imagem da elite, de um juízo segregador que exclui e obscurece os monumentos verdadeiramente populares e tradicionais. Para Canclini (2008, p. 288) “as identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo.”

Por isso, pelos holofotes que recebem, são palco de disputas visuais e pelas suas localizações centrais, são abertos às transformações dos transeuntes populares urbanos. Por meio dessas intervenções, são constantemente postos novamente em acordo com a contemporaneidade, sendo atualizados pelos intervencionistas e dialogando com tradições presentes.

Sem vitrinas nem guardiães que os protejam, os monumentos urbanos estão felizmente expostos a que um grafite ou uma manifestação popular os insira na vida contemporânea. Mesmo que os escultores resistam a abandonar as fórmulas do realismo clássico ao representar o passado, a fazer heróis de manga curta, os monumentos se atualizam por meio das “irreverências” dos cidadãos. (2008, p. 301).

---

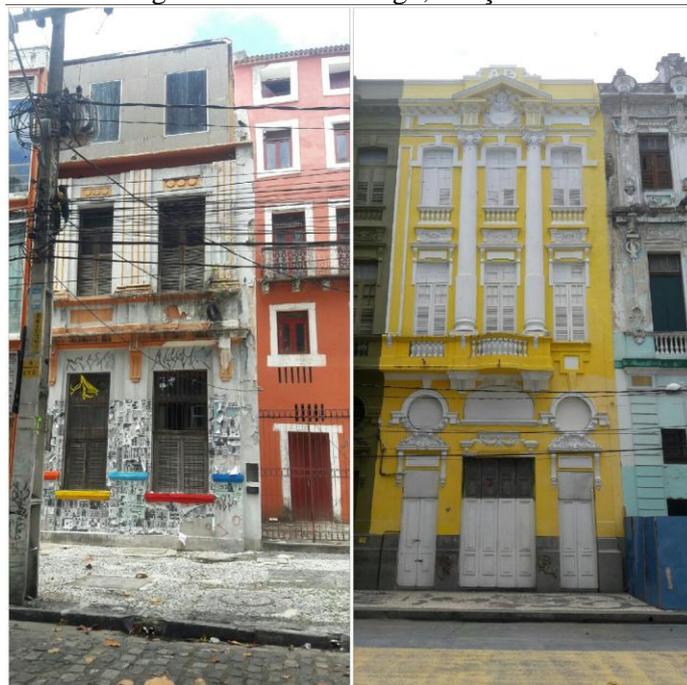
<sup>8</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/05/praias-do-futuro-completa-um-mes-com-aguas-improprias-para-banho.html>>. Acesso em: maio, 2016.

Para o autor, essa necessidade de constantes modificações pelas pichações, grafites e manifestações urbanas nos monumentos ditos populares é uma clara evidência de que essas estátuas não traduzem a sociedade de massa, não são suficientes para significar a contemporaneidade e apontam para um enorme abismo entre o poder público e a coletividade, entre a história e a experiência atual.

Walter Benjamin (1987, p. 114) explica que vivemos um momento de pobreza de experiência com o patrimônio público e histórico, convivemos com esses monumentos, mas não criamos relações íntimas, eles não fazem parte da nossa memória ou sequer constituem nossas referências. E questiona: “Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”

Debaixo do meu olhar estrangeiro, contrastei o caso da Barra do Ceará em Fortaleza com o bairro do marco zero recifense, Recife Antigo, que é patrimônio novamente em contato constante com a população, criando novas narrativas e desenvolvendo novas memórias nos habitantes e passantes desse espaço.

Figura 3 – Recife Antigo, março 2016



Fonte: Imagem produzida durante a pesquisa de campo

É importante citar que esse ponto de vista é um olhar do turista, um olhar de quem está de fora e que permite-se encantar. Uma visão que traz luz ao meu próprio marco zero, que faz questionar sobre o pouco espaço que habita esse marco zero fortalezense dentro do espelho mídia.

Com abundância de cores e abundância de vida demonstradas na figura 3 da página anterior, o local costuma receber diariamente muitos passantes, turistas e habitantes da capital que buscam apreciar a diversão e a cultura propostas pelo espaço revitalizado e reabitado.

Figura 4 - Recife Antigo, março 2016



Fonte: Imagem produzida durante a pesquisa de campo

Com o desejo de cidade transitando nesse espaço, o bairro possui muros abundantemente disputados pelos movimentos sociais, pelo grafite, a pichação e pelos cartazes publicitários que dentro de seus fortes fluxos de comunicação ocultam algumas vezes os monumentos e suas histórias. O excesso de mensagens traz constantemente ao local novos sentidos e variados sentimentos de pertença, como mostra a figura 4 acima.

Alguns muros de prédios são tão extravagantemente modificados por essas intervenções que há um comprometimento da identificação da construção, do que fora no passado dos colonizadores e no que hoje se transformou com a revitalização.

Mas, ainda a partir do olhar do Canclini (2008), podemos afirmar que essa nova disposição visual na cidade vem de uma disputa que engloba três poderes principais: o dos monumentos; o da pichação e do grafite e o da publicidade. A ocupação visual por parte desses três poderes acompanhará a dimensão do desejo de cidade, logo, locais com maior

influxo de desejo e maior número de transeuntes, sejam eles turistas ou moradores, também terá a disputa visual de forma mais intensa. Por isso, foi possível perceber paredes com inúmeras formas de comunicação em Recife Antigo, incluindo pichações, grafites, lambe lambes e comunicação publicitária e apenas a pichação no monumento do marco zero em Fortaleza, sem a presença de publicidade.

Essas formas de comunicação clandestinas afirmam a existência de povos marginais, que não possuem espaço nas mídias tradicionais e que por meio do grafite, por exemplo, são capazes de expressar suas opiniões e estilos de vida, tomando, de certa forma, posse de regiões e ao mesmo tempo, desestruturando o ordenamento de bens simbólicos desenvolvido pelas elites.

## 5. CONCLUSÃO

O presente artigo nos permitiu formar um diálogo entre o fluxo dos desejos influenciados pelo espelho mídia, as disputas visuais e a origem das cidades de Fortaleza e Recife a partir de seus marcos zero. Analisando Eduardo Duarte (2006), entendemos que os vórtices de acontecimentos que detém o desejo de cidade iniciaram-se nos marcos zero das metrópoles e caminham em consonância com as telas do espelho mídia, esse espelho reflete verdades midiáticas fragmentadas e que por meio da repetição instituem verdades no imaginário coletivo capazes de deslocar o centro de uma cidade e ainda de criar diversos centros com temporalidades distintas.

A partir de Canclini (2008), entendemos que as comunicações marginais (grafite e pichação), capitalistas (publicidade) e elitistas (monumentos) seguem essas ramificações difusas criadas pelo espelho mídia e tendem a disputar locais que possuem maior influxo de desejo e maior investimento de capital financeiro e econômico.

No entanto, em contraste com os centros repletos de desejo, temos os vagalumes de Didi-Huberman (2011), que nesse caso são locais de resistência fortemente esquecidos pelas telas do espelho mídia, assumindo uma região marginal no imaginário de habitantes de uma cidade e que podem, talvez, ser mais lindamente percebidos pelo olhar estrangeiro utilizado na metodologia de Canevacci (1997).

Posteriormente, os dados coletados do estudo desse artigo deverão compor as bases de uma nova pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, que visa observar as relações de turistas e moradores com os marcos zero de Fortaleza e Recife. Assim, a

compreensão da relação transeunte-marco zero poderá ser melhor percebida, entendendo traços da memória das capitais cearense e pernambucana.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CAVALLI, F. **A comunicação móvel reconfigurando o Passeio Público de Fortaleza**. 2013. 104 f. Monografia Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) - Universidade de Fortaleza, Universidade de Fortaleza, Ceará. 2013

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vagalumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, E. **Desejo de cidade: Múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

MCQUIRE, Scott. **The Media City**. Sage, 2008.

**O Estado**. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/opiniao/historia-da-melhor-praca>>. Acesso em: maio, 2016.

**Pernambuco.com**. Disponível em <<http://www.pernambuco.com/>>. Acesso em: maio, 2016.

**Portugal sem Passaporte**. Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/author/gracianocoutinho/>>. Acesso em: maio, 2016.

**Portal G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/05/praiado-futuro-completa-um-mes-com-aguas-improprias-para-banho.html>>. Acesso em: maio, 2016.

**Prefeitura de Fortaleza**. Disponível em: < <http://www.fortaleza.ce.gov.br/sde/indice-de-desenvolvimento-humano-por-bairro-idh>>. Acesso em: maio, 2016.